

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Escola de Tempo Integral

HORA DA LEITURA CICLO II

Coordenação

Patrícia Velasco Gabaldo
Regina Aparecida Resek Santiago
Rozeli Frasca Bueno Alves

Elaboração

Cilza Bignotto

São Paulo, 2007

Introdução

O *Hora da Leitura* consta da matriz curricular de todas as escolas de Ciclo II do Ensino Fundamental bem como das Escolas de Tempo Integral. A principal proposta de trabalho do projeto é promover a leitura prazerosa de diversos gêneros literários, como contos, poemas, romances, crônicas, textos de tradição oral, peças teatrais, letras de música e outros adequados aos estudantes do Ensino Fundamental.

Seu objetivo é fortalecer o vínculo do jovem com o texto literário, ampliando seu repertório de maneira gostosa e lúdica, de modo que venha a se transformar em leitor autônomo, capaz de fruir textos literários das mais variadas matizes não somente na escola, mas em outros círculos sociais, ao longo da vida.

O *Hora da Leitura* ocorre em um momento decisivo da vida escolar para a ampliação da competência leitora dos alunos. Afinal, é quando muitos ou desistem de ler, por não conseguirem responder às demandas de leitura colocadas pela escola, ou passam a utilizar com autonomia cada vez maior os procedimentos construídos anteriormente para lidar com os desafios postos pela leitura.

Para o desenvolvimento do projeto, são propostas oficinas de leitura com os seguintes objetivos:

- desenvolver atitudes e procedimentos que os leitores assíduos adquiram a partir da prática;
- propiciar um intenso e sistematizado contato dos alunos com diferentes gêneros literários, especialmente no que se refere ao ler para apreciar/fruir e para conhecer;
- possibilitar aos alunos do Ensino Fundamental momentos para saborear e compartilhar as idéias de autores da literatura universal, em especial da literatura brasileira;
- utilizar diferentes procedimentos didáticos que seduzam os alunos para a leitura;
- otimizar a utilização do acervo existente na escola.

A presente coletânea de atividades tem como meta auxiliar no cumprimento desses objetivos. Para tanto, apresenta maneiras de utilizar os livros do acervo do PNLD/2006, a fim de incentivar o gosto pela leitura, ampliar o contato dos alunos com textos de diferentes gêneros, autores e épocas, além de oferecer procedimentos didáticos que contribuam para nortear o trabalho dos educadores no processo de formar leitores interessados e competentes.

As atividades foram planejadas enfatizando, entre outros aspectos, o estímulo a várias estratégias de leitura (seleção, antecipação, inferência e verificação) e a prática de leitura em voz alta, leitura programada e leitura expressiva. A metodologia também valoriza a “Leitura Compartilhada” como lugar privilegiado de ler com o aluno e ser o próprio professor um leitor em formação permanente.

As obras do acervo utilizadas nas atividades

As sugestões de atividades foram criadas a partir de livros integrantes do acervo do PNLD/SP – 2006, módulo “Tecendo e Hora da Leitura”. Procuramos oferecer atividades com todos os gêneros literários presentes no acervo, quais sejam: poemas, mitos e lendas, contos, fábulas, romances e peças de

teatro. Optamos pela denominação “poema” e não “poesia” por acreditar que a poesia está presente também nos textos literários em prosa. O poema seria apenas uma forma – ainda que a forma por excelência – assumida pela linguagem poética.

No início de cada atividade, são indicadas as obras do acervo utilizadas. O professor pode optar por realizar a atividade com a série para a qual é indicada o livro, ou adaptá-la para outras séries. A relação entre jovens e livros, por sinal, nem sempre é pautada pelo rigor indicativo das faixas etárias. Ao longo de cada seqüência didática, são sugeridas outras obras, do acervo ou de fora dele, que podem ser lidas em atividades semelhantes. A seguir, apresentamos o modo como as atividades estão organizadas e justificamos os procedimentos didáticos sugeridos.

Organização das atividades

Todas as atividades obedecem a uma seqüência, que compreende as seguintes etapas:

- Preparando a Hora;
- Aquecendo para a Leitura;
- Saboreando o Texto;
- Entrelaçando Leituras Coletivas;
- Desdobramentos para Outros Momentos.

Preparando a Hora

Para que tenham sucesso, as atividades realizadas durante a *Hora da Leitura* precisam ser bem planejadas. Essa etapa das seqüências didáticas pretende justamente ajudar os educadores na preparação das atividades de leitura. Nesse sentido, oferece informações sobre o gênero literário a ser lido, além de um guia para os educadores realizarem leituras aprofundadas do texto. Esse guia não tem a pretensão de fornecer interpretações ou fórmulas rígidas de análise para os textos escolhidos. Pelo contrário: sua intenção é auxiliar o educador a fazer *sua* leitura do texto, a dialogar com outras leituras, como as dos críticos que prefaciam vários dos livros, a preparar-se para receber e debater as leituras dos alunos. As orientações podem, inclusive, ser utilizadas como diretrizes para ler outros textos do mesmo gênero.

Atividades de leitura que envolvem textos literários precisam levar em conta a apreciação não só das idéias do texto, mas do *modo como essas idéias são expressas*. Do contrário, as atividades correrão o risco de apenas arranharem a superfície da obra literária, negando ao aluno a fruição de aspectos importantes e prazerosos do texto em questão. A professora e pesquisadora Marisa Lajolo, ao analisar como poemas são lidos de maneira empobrecedora em muitas atividades escolares, enfatiza a necessidade de fazer leituras que trabalhem os vários elementos de significação oferecidos por um texto literário, elementos que abrem inúmeras possibilidades de interpretação. Segundo ela,

O objetivo é sugerir que as atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruça sobre um texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com o que o texto diz, mas reside no modo como o texto diz o que diz. Nesse sentido, é necessário que os elementos do texto selecionado como gerador de atividades levem o aluno a observar mais de perto procedimentos realmente relevantes para o significado geral do texto.¹

A etapa *Preparando a Hora* tem como objetivo principal auxiliar o educador a “observar mais de perto procedimentos relevantes para o significado geral do texto”, a fim de poder ensinar seus alunos a fazerem leituras mais amplas e significativas. Os comentários, perguntas e observações feitos nessa etapa apontam alguns recursos formais usados nos textos literários escolhidos e sugerem possíveis interpretações do modo como esses recursos são usados para expressar determinadas idéias. Assim, o educador contará com elementos que podem contribuir para aumentar seu repertório e sua competência como leitor – e, por conseguinte, como formador de leitores.

Aquecendo para a Leitura

Nessa etapa, são apresentadas sugestões para estimular os alunos a fazer antecipações sobre o texto a ser lido. Essas antecipações serão verificadas após a leitura. O educador é incentivado a registrar os comentários dos alunos, a fim de retomá-los posteriormente. Esse registro pode ser feito em um caderno de notas, de forma rápida. Há educadores que memorizam as observações dos alunos e conseguem recuperá-las depois da leitura para ajudar a turma a verificar as antecipações feitas. Aconselhamos que, para evitar o risco de esquecer alguma dúvida ou afirmação importante, o educador faça pelo menos uma lista do que foi dito nessa etapa, e por quem foi dito. Essas anotações poderão ajudá-lo, ao longo do ano, a mapear a participação dos alunos e seus progressos ao fazer antecipações com base na materialidade do livro e em outros indicadores.

Por falar em materialidade, esse é o momento de analisar o livro como objeto, “ler” as informações trazidas por seu formato, suas ilustrações, sua capa, os textos das orelhas e da contracapa. Para fazer antecipações, é preciso aprender a avaliar esses indicadores.

Saboreando o Texto

As atividades incentivam e sugerem a prática de vários tipos de leitura: silenciosa, em voz alta, programada, individual, em duplas, em grupos, coletiva. A leitura expressiva feita pelo educador é indicada

1. LAJOLO, Marisa. Poesia: uma frágil vítima da escola. In: _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006. p.50.

sempre, pois uma das principais maneiras de ensinar a ler bem, ler com prazer e ler muito, é lendo bem, lendo com prazer e lendo muito *com e para* seus alunos. A leitura expressiva exige preparação, ensaio, dedicação. Mas os bons resultados compensam. Ouvindo você ler bem, seus alunos perceberão os diferentes ritmos dos textos literários, os jogos com sonoridades, as emoções variadas das personagens, entre outras riquezas.

Ler em voz alta é interpretar um texto. Por isso, cada leitor certamente lerá o texto da maneira como o entende, da maneira como dá significado às palavras. Quando várias pessoas lêem o mesmo texto em voz alta, possibilitam a percepção coletiva de como esse texto oferece inúmeras leituras, comporta inúmeras significações.

É viável estabelecer com a turma algumas normas para a avaliação da leitura em voz alta feita pelos alunos. Todos podem avaliar a todos, a si mesmos e a você. Mas, para isso, é preciso haver liberdade para fazer e para receber críticas abertamente. Essa liberdade é conquistada aos poucos, com exercício, respeito, tolerância, vontade de que todos aprendam juntos, com o auxílio de todos. Não é algo a se conseguir da noite para o dia, mas vale o esforço. Os alunos se tornarão pessoas aptas a fazer críticas com a intenção de ajudar os colegas a melhorarem suas leituras, e a receber críticas de modo positivo, sabendo que, por meio delas, poderão corrigir problemas e desenvolver potencialidades.

Entrelaçando Leituras Coletivas

Uma das peculiaridades do texto literário é a sua *plurissignificação*, ou seja, sua capacidade ser lido de muitas maneiras, de possibilitar inúmeros significados. Nesse sentido, concordamos com a professora e crítica Norma Goldstein, quando ela afirma que

A interpretação dificilmente será a palavra final se for feita por uma só pessoa. O texto literário talvez seja aquele que mais se aproxima do sentido etimológico da palavra “texto”: entrelaçamento, tecido. Como “tecido de palavras”, o poema pode sugerir múltiplos sentidos, dependendo de como se percebe o entrelaçamento dos fios que o organizam. Ou seja: geralmente, ele permite mais de uma interpretação. Dada a plurissignificação inerente ao poema, a soma das várias interpretações seria o ideal.²

Embora Norma Goldstein se refira especificamente ao poema, suas observações podem ser estendidas a outros gêneros literários. A etapa *Entrelaçando Leituras Coletivas* procura justamente orientar educador e alunos a somarem interpretações do texto lido, apresentando aos colegas diferentes leituras sobre os “fios” que constituem o texto.

2. GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1991. p.6.

Um dos maiores prazeres proporcionados pela leitura é a conversa solta, livre, sobre determinada obra. Essa conversa é bastante incentivada nas atividades, porque contribui para deixar os alunos à vontade, abertos para ouvir as leituras dos colegas, sem medo de apresentar suas próprias leituras. Outras atividades pós-leitura podem ser realizadas, como redação de resumos de narrativas, dramatização de textos, produção de histórias ou poemas a partir do texto lido, entre outras. A troca informal de idéias, porém, deve ser freqüente. Lembremos que atividades como redação costumam exercer pressão sobre os alunos, ainda mais se forem “para nota”. Pressão não combina com prazer; portanto, é essencial abrir espaço para dinâmicas mais informais com o objetivo de verificar a compreensão dos alunos, suas leituras, suas opiniões sobre o texto.

Desdobramentos para Outros Momentos

Uma boa leitura dá vontade de fazer outras. A idéia fundamental dessa etapa é apresentar possíveis desdobramentos das atividades sugeridas, que podem ocorrer em posteriores *Horas da Leitura*. São indicadas outras obras do mesmo gênero, ou até de gêneros diferentes, pertencentes ao acervo da escola, ou acessíveis na Internet.

Produtos de leituras

Propomos, a seguir, alguns produtos que podem materializar leituras feitas pelos alunos e contribuir para estimular ainda mais o gosto pela literatura. São eles:

- *Diário de bordo*: arranje um caderno grande, grosso e de capa dura. Ele será o “diário de bordo” das leituras feitas em determinada classe. Nele, os alunos poderão copiar textos ou trechos de obras das quais gostaram, redigir comentários sobre livros, desenhar, colar figuras e fotos, transcrever textos criados por eles. Cada aluno pode ficar, por exemplo, uma semana com o caderno. Ao final do ano, a turma terá um belo registro das leituras que fez e compartilhou.
- *Cartazes de propaganda*: nada melhor para incentivar a leitura do que a opinião de alguém querido. Os cartazes de propaganda são um bom meio de os alunos expressarem sua opinião sobre determinada obra e indicá-la aos colegas e amigos. Para tanto, podem decorar os cartazes como quiserem, e afixá-los na sala de aula, na biblioteca, no pátio da escola.
- *Lista dos mais lidos*: muitos leitores se guiam pelas “listas dos mais vendidos” publicadas em jornais em revistas. Os alunos podem fazer “listas dos mais lidos” e colocá-las em lugares bem visíveis. Assim, incentivarão os colegas a ler certas obras e sinalizarão para os educadores de que tipo de livro mais gostam.
- *Marcadores de livros personalizados*: a turma certamente aprenderá com você a necessidade e a importância de cuidar bem dos livros – nada de rabiscá-los ou rasgá-los. Mas que tal copiar

trechos interessantes em marcadores de livros personalizados? Ou redigir, nesses marcadores, impressões de leitura? A próxima pessoa que pegar o livro provavelmente gostará muito de ter um marcador assim.

- *Orelhas e contracapas*: os alunos podem encapar os livros e fazer novas orelhas e contracapas para as obras. Como autores dos textos, poderão apresentar os livros a novos leitores, criticar ou elogiar o texto, selecionar trechos que seduzam outros leitores.
- *Antologias para os colegas*: que tal fazer um presente de Natal, ou de amigo secreto, diferente? Sugira uma antologia, ou seja, uma reunião de textos prediletos, feita à mão ou impressa em computador. Os alunos podem transcrever poemas, trechos de contos e romances, fazer ilustrações, confeccionar capa e contracapa, redigir uma introdução... As folhas das antologias podem ser encadernadas ou presas com um belo laço de fita. Uma boa dica para o comemorar o final do ano letivo é organizar uma “festa da leitura”, com a troca de antologias especialmente feitas *por* e *para* os alunos. Será uma bela recordação, e um excelente modo de registrar a história de leitura vivida por cada um naquele ano.

Coletânea de Atividades

Hora de Leitura de poema

“A onda”, de Manuel Bandeira

Essa *Hora da Leitura* será dedicada à apreciação do poema “A onda”, de Manuel Bandeira, que integra a antologia *Para querer bem*, organizada por Bartolomeu Campos de Queirós. A atividade está planejada de modo a incentivar a fruição dos efeitos provocados principalmente pelo ritmo e pelas sonoridades do poema.

Preparando a Hora

Ao ler um poema, precisamos prestar atenção não somente naquilo que o texto diz, mas também no *modo* como as coisas são ditas (ou sugeridas). Os recursos formais utilizados pelo poeta estão intimamente ligados ao conteúdo do poema. Aprender a perceber, identificar, apreciar esses recursos amplia a possibilidade de fruição do poema.

Portanto, vamos iniciar a preparação da *Hora da Leitura* fazendo uma leitura pormenorizada de “A onda”, de Manuel Bandeira, atentando para a maneira como ele utiliza elementos como sons, ritmo, disposição gráfica dos versos, construção de imagens. Faça uma primeira leitura silenciosa do poema. Observe o modo como foi construído, a estrutura dos versos. Escreva suas impressões sobre a disposição dos versos na página. Esses elementos provocaram alguma emoção, alguma reflexão, algum sentimento em você? Quais?

Em seguida, leia o poema em voz alta. Saboreie as palavras, pronuncie-as devagar. Sinta a vibração produzida por cada uma delas e por todas juntas. Faça a leitura quantas vezes achar necessário. Novamente, registre suas impressões, agora sobre o ritmo do poema, ou seja, sobre a maneira como as sílabas mais fortes se alternam com as mais fracas. Como é o ritmo? O que lembra?

Há repetições sonoras? De quais sons? As sonoridades provocaram efeitos em você? Alguma palavra projetou imagens em sua imaginação? Qual palavra? Que imagens? De que modo a disposição gráfica, os sons e o ritmo do poema se relacionam com seu conteúdo? Reflita e escreva suas idéias a respeito.

Uma das riquezas do texto literário é a imensa possibilidade de leituras diferentes que ele oferece. Para dialogar com sua leitura, e com as leituras de seus alunos, você pode recorrer a leituras de outros professores, de críticos literários, ou do organizador do livro, Bartolomeu Campos de Queirós. Na apresentação do livro, ele afirma, sobre Manuel Bandeira: “Pelo lúdico, pelo humor, pelo que existe de inusitado em sua construção, ele nos surpreende.” Em sua opinião, a construção do poema “A onda” é inusitada? O poema é lúdico? O poeta brinca com os sons das palavras, por exemplo? O crítico e poeta Fernando Paixão comentou, a respeito de “A onda”:

Move-se o poema ao sabor da onda. Mas esse efeito não surge como força gratuita. É o poeta, criador desse movimento, quem aplica sobre as palavras a sua intencionalidade, misturando no momento gerador do poema a percepção racional e a intuição.

No poema de Manuel Bandeira, a intencionalidade atua no ritmo unindo sílaba a sílaba num encadeamento leve e contínuo como o fazem as águas do oceano. Mesmo a interrogação não se sustenta como ponto ascendente, momento passageiro que é, mas logo se inclina e dilui na linha seguinte, continuando a sinuosidade do movimento.³

Para Fernando Paixão, o ritmo é determinado pela idéia que inspira o poema todo, a onda. Note que ritmo poético não é algo necessariamente ligado à divisão de sílabas dos versos, à estruturação em estrofes. Para tratar da onda, o poeta busca sugerir seu ritmo. A repetição de sons parecidos enfatiza o barulho bom do mar. A forma de disposição dos versos também lembra o ir-e-vir das ondas, seu desenho sinuoso na praia. Tanto ritmo como forma transmitem significados sobre o conteúdo do poema.

Cada poema tem um ritmo próprio, que lhe confere identidade única. Um poema não precisa ter rima, métrica, estrofe. Depois do Modernismo, a poesia libertou-se da necessidade de usar esses recursos. Mas um poema *sempre* tem ritmo.

Para ler o poema com sua turma, você pode distribuir cópias dele aos alunos ou escrevê-lo na lousa. Se optar por copiá-lo no quadro, procure respeitar o modo como o poeta dispôs os versos. Afinal, se mudamos a estrutura do poema – nem que seja para caber num canto de lousa – ele já não é o mesmo poema. É interessante que você o copie antes da *Hora da Leitura*, para aproveitar melhor o tempo com seus alunos. Se quiser, esconda o poema com papelão ou outro material e revele o texto à classe somente no momento de ler.

Aquecendo para a Leitura

Anuncie aos alunos que vocês vão conversar sobre um aspecto muito prazeroso da poesia: o ritmo. O que eles entendem por ritmo? Quem pode demonstrar algum tipo de ritmo? Pode ser com as mãos, com os pés, com a voz, com objetos. Onde existe ritmo? Será que há ritmo na natureza?

Talvez alguém se lembre de assuntos estudados em aulas de literatura, como métrica, rima, estrofe, entre outros aspectos relacionados a poemas. Anote rapidamente o uso que a turma faz desses conceitos e o modo como os relaciona a ritmo. Essas informações são necessárias para que você possa não somente seduzi-los para os prazeres proporcionados pelo ritmo, mas também ampliar o universo de conhecimentos da turma sobre esse recurso, a partir do repertório que eles apresentarem.

Menções a metrificação, número de versos, duração do poema podem ser aproveitadas como gancho para que você aborde o outro aspecto a ser explorado nessa *Hora da Leitura*: a forma. Será que poema tem forma fixa? Quando os alunos pensam em poesia, como eles a visualizam mentalmente? Impressa

3. PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 54-55. (Coleção Primeiros Passos)

em páginas de livro, pichada em muros? Quem sabe alguém imagine poemas estruturados em estrofes de quatro versos, ou de dez? Permita que eles falem livremente sobre poemas de que se lembram. Guarde essas informações, assim como fez com aquelas sobre ritmo.

Deixe que os alunos troquem idéias sobre ritmo e forma ao sabor das lembranças e do conhecimento de cada um. Evite dar sua opinião nesse momento. Ao colocar em ação o repertório de que dispõem, eles entrarão aos poucos no “clima” da aula e ficarão mais abertos para experimentar os efeitos proporcionados pelo ritmo do poema. Além disso, darão a você informações, opiniões, expectativas sobre ritmo que podem ser retomadas depois da leitura.

O aquecimento deve durar no máximo 15 minutos, a fim de que vocês tenham tempo suficiente para saborear o poema.

Saboreando o Texto

Peça que os alunos leiam “A onda”, a princípio em silêncio. Observe as reações deles, a expressão de cada rosto, eventuais interjeições ou comentários. Quando notar que terminaram a leitura, peça que eles anotem impressões que tiveram ao ler o poema. Essa anotação deve ser breve; proponha que tenha no máximo três linhas.

Em seguida, leia o poema para a turma. Capriche na entonação. Finda a leitura, solicite a eles que escrevam em poucas linhas o que sentiram, perceberam, pensaram ao **ouvir** o poema. Não se esqueça de deixar claro que essa tarefa não é para nota ou para qualquer tipo de avaliação. É para eles poderem compartilhar com os colegas as impressões, positivas ou negativas, que tiveram ao ler e ao ouvir o texto. Não tem problema se a letra sair feia, se eles escreverem palavras soltas, ou um parágrafo sem articulação. O essencial é que eles registrem os efeitos que o poema causou neles.

Leia mais uma ou duas vezes, para que eles possam apreciar de novo a vibração das palavras e o ritmo dos versos.

Entrelaçando Leituras Coletivas

Terminada a leitura, conversem sobre o poema. É o momento de os alunos falarem sobre o que pensaram e sentiram ao ler e ao ouvir o poema, usando as anotações que fizeram. Pode ser que alguma impressão obtida na primeira leitura mude, quando eles *ouvirem* o poema. Pode ser que se confirme.

Incentive a troca de idéias entre eles a respeito da disposição dos versos na página, dos sons, do ritmo, das imagens sugeridas pelas palavras. O que eles acharam do modo como o poema foi construído? Visualmente, o que o poema lembra? E quanto ao ritmo – no que ele faz pensar? Qual a relação desses elementos com o conteúdo do poema? E com as imagens sugeridas pelas palavras, pelo modo como foram reunidas? Os alunos imaginaram ondas? Como elas são (altas, pequenas, calmas...)?

Explore a escolha das palavras feita pelo poeta. O que elas têm em comum? São palavras com forma e sons muito semelhantes, não é mesmo? De que maneira o poeta brinca com essas semelhanças? Que efeitos a repetição dos sons das vogais “a”, “o”, “e”, e das consoantes “n” e “d” provocam? Será que elas ajudam a marcar o ritmo do poema? Será que lembram a fluidez das ondas e sua quebra?

Para perceber ainda melhor a força do ritmo, os alunos podem ler o texto em voz alta. Sugira uma experiência sonora: cada aluno lê o poema do jeito que achar mais adequado – com ritmo de mar bravo, pronunciando alto as palavras, com ritmo de mar calmo, pronunciando-as baixinho... todos ao mesmo tempo, como uma grande mar de vozes, em que cada voz representa uma onda. O que será que vai acontecer? Experimentem! Talvez vocês descubram que cada leitor interpreta o poema de modo diferente, ao lê-lo em voz alta. Bonito, não?

Lembre-se de retomar as idéias expostas pelos alunos antes da leitura do poema. Se eles mencionaram a música ao pensar em ritmo, explique a eles como a poesia originalmente era feita para ser falada, recitada. Na Grécia antiga, poetas declamavam acompanhados pela música de instrumentos como a lira; daí o nome “poesia lírica”. Há musicalidade nos poemas, que percebemos ao pronunciar as palavras dos versos.

Se os alunos fizeram referência a versificação ou métrica, comente que há técnicas para compor versos; a métrica é o conjunto das regras que orientam a medida, o ritmo e a organização de versos, de estrofes e do poema como um todo. *A Hora da Leitura* não deve ser dedicada a explanações sobre técnicas literárias. No entanto, comentários breves sobre aspectos formais do poema enriquecem, ampliam a capacidade de fruição do texto poético.

Relembre com a turma e sintetize as observações feitas antes e depois da leitura, como exercício de fechamento. Se houver tempo, apresente a eles um pouco da biografia de Manuel Bandeira⁴. Essa apresentação pode ser feita nas outras ocasiões em que vocês lerem novos poemas do autor.

Desdobramentos para Outros Momentos

A experiência de perceber como Manuel Bandeira fez uso de recursos formais em “A onda” pode ser estendida a outros poemas, dele ou de outros poetas. Bandeira praticou com maestria todos os tipos de versos, dos fixos aos livres e experimentais. O famoso poema “Trem de ferro” é excelente para explorar ritmo, sons, imagens, assim como “Na rua do sabão” e “Os sinos”, todos da antologia *Para querer bem*.

Feira de versos, a antologia de poesia de cordel, é uma festa para os ouvidos! Nos poemas do livro predominam os versos de sete sílabas, tão freqüentes nas canções folclóricas e populares. Outros livros de poesia do acervo oferecem belos poemas para explorar a força dos elementos formais, inclusive a disposição gráfica dos versos. É o caso de “Volto já” e “Paisagem urbana”, de Flora Figueiredo (*Chão de vento*), “Veranico” e “Cripta”, de Mário Quintana (*O aprendiz de feiticeiro*), entre vários outros.

4. Na antologia *Para querer bem*, há informações sobre a vida e a obra de Manuel Bandeira.

Leiam também poemas de forma fixa, como as baladas, os haicais, os sonetos – esses últimos tão caros a Vinicius de Moraes.

Descubram ritmos extremamente prazerosos em poemas de diferentes épocas. Os cantos do poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias⁵, são contagiantes; em alguns momentos o ritmo lembra o bater de tambores. Já “A valsa”, de Casimiro de Abreu⁶, sugere o ritmo de... uma valsa!

Os poemas figurados imitam a forma daquilo que tematizam, como “A cruz”⁷, de Fagundes Varela, reproduzido a seguir.

A cruz

Estrelas
Singelas,
Luzeiros
Fagueiros,
Esplêndidos orbes, que o mundo aclarais!
Desertos e mares, – florestas vivazes!
Montanhas audazes que o céu topetais!
Abismos
Profundos!
Cavernas
Eternas!
Extensos,
Imensos
Espaços
Azuis!
Altars e tronos,
Humildes e sábios, soberbos e grandes!
Dobrai-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ela nos mostra da glória o caminho,
Só ela nos fala das leis de – Jesus!

5. Cf. DIAS, Gonçalves. *I-Juca Pirama*. Site do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/gdias.html>> Acesso em: 20 ago. 2006.

6. Cf. ABREU, Casimiro de. A valsa. Site *Jornal de Poesia*. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/casi1.html#avalsa>> Acesso em: 20 ago. 2006.

7. Cf. VARELA, Fagundes. A cruz. In: _____. *Poesias completas de L. N. Fagundes Varela* (Terceiro volume). Org. e apuração de texto de Miécio Tati e E. Carrera Guerra. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957. p.333.

Os poetas simbolistas nos convidam a entrar em universos rítmicos, sonoros, imagéticos que encantam os sentidos⁸. Os modernistas ensinam como fazer poemas com ritmos deliciosos, sem o recurso a métrica ou rima⁹. A poesia concreta e a poesia-práxis enfatizam a organização gráfica das palavras, sua materialidade, seus recursos sonoros. Vale a pena conhecer também os chamados “poemas visuais”, que incorporam imagens de diferentes tipos, por vezes descartando o uso de palavras¹⁰.

Leiam os outros livros de poemas do acervo buscando identificar e apreciar ritmos, sons, versos diversos. Vocês podem escolher poemas que tratem de um mesmo tema, como o mar, por exemplo, e compará-los, observando como cada poeta abordou o assunto, que imagens seus versos sugerem, como utilizou recursos formais, de que modo esses recursos se articulam com o conteúdo dos poemas.

8. Leiam, por exemplo, Antífona, de Cruz e Souza. CRUZ E SOUZA, João de. Antífona. *Minienciclopédia de poesia e crônica do Instituto Itaú Cultural*. Panorama Itaú Cultural de Poesia e Crônica. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>> Acesso em: 20 ago. 2006.

9. O site *Releituras* reproduz poemas de vários autores modernistas. Disponível em: <<http://www.releituras.com>> Acesso em: 20 ago. 2006.

10. Para saber mais sobre poesia concreta e poesia visual, consulte o site *Poesia Visual Brasileira*. Disponível em: <<http://www.imediata.com/BVP/>> Acesso em: 11 ago. 2006.

Hora de Leitura de poema

“Cripta”, de Mario Quintana

Nessa *Hora da Leitura*, vamos ler o poema “Cripta”, de Mario Quintana, publicado no livro *O aprendiz de feiticeiro*. O norte da atividade é a fruição do poema, principalmente a partir das imagens sugeridas pelos versos e pela forma em que foram estruturados.

Preparando a Hora

Comece a preparar a atividade fazendo uma leitura cuidadosa do poema “A cripta”. É provável que a disposição dos versos e o ritmo sejam os primeiros elementos a chamar sua atenção. É assim mesmo; a estrutura visual e a estrutura sonora costumam ser as primeiras a tocar nossa sensibilidade. Mas há vezes em que as imagens sugeridas pelos versos impressionam o leitor antes de todos os outros elementos. Pode ocorrer, também, que, após a leitura de um poema, as imagens, mais que o ritmo ou a forma, tenham se instalado em sua lembrança.

Seja como for, anote suas impressões, registrando inclusive as sensações, sentimentos, emoções – quem sabe até arrepios! – provocados pelo poema de Quintana. Atente para as imagens que cada palavra faz surgir em sua mente. A começar pelo título: cripta. O que essa palavra faz você lembrar?

Cripta, segundo o dicionário *Houaiss*, é “dependência, em geral subterrânea e disposta sob as cabeceiras de uma igreja, característica do período medieval especialmente das catedrais românicas, onde eram enterrados os sacerdotes e com frequência aristocratas e membros do alto clero”. Por derivação, também significa “galeria ou sala subterrânea usada para sepultamentos ou como ossuário; catacumba”, e ainda “lugar secreto”. O dicionário também registra o uso de cripta com o sentido de “o que concerne à natureza mais íntima do indivíduo, geralmente não percebido nem revelado”.

Não é de estranhar que a palavra cripta nos faça lembrar de túmulos subterrâneos, lugares escuros e macabros, localizados embaixo de construções como igrejas. Também não é nada estranho se essas imagens forem acompanhadas de sensações como arrepios, medo, lembrança de umidade, de teias de aranha, de escuridão. Algumas pessoas chegam até a sentir cheiros ligados à podridão, a ambientes fechados. O título “Cripta” despertará, na imaginação de cada um, imagens, sons, sensações, emoções relacionadas a tudo o que a pessoa tiver visto, conhecido, sentido, cheirado sobre cripta. Cenas de filmes, acontecimentos vividos, medos imaginados... tudo será “ativado” na memória pela palavra “cripta”. E com essas imagens, sensações, sentimentos, e até cheiros em nossas mentes, começaremos a leitura do poema. É possível pensar que nossa leitura se dará sob a influência daquilo que foi trazido à lembrança por “cripta”.

E a primeira palavra do poema, qual é? “Debaixo”. A idéia de que cripta é algo subterrâneo de certo modo ganha força com esse advérbio. É bom lembrar que nada, em um poema, é escrito à toa. Tudo tem significado e importância. O poeta não começou com esse advérbio por acaso.

O primeiro verso provoca o leitor apontando um lugar: “Debaixo da mesa”. Só no segundo verso vamos saber o que lá está: “A negrinha”. Que imagem brotou em sua mente ao ler esse verso? Por que uma menina, e uma negrinha? Aliás, não é “uma”, mas “a” negrinha. Uma determinada menina. Você a viu, em sua imaginação? Em que posição ela está? Sentada? Deitada? De cócoras? Anote.

O terceiro e o quarto versos são compostos por uma palavra e um sinal de pontuação. Essa palavra é “assustada”. A repetição parece reforçar a intensidade do susto. Ou não? E agora, como você imagina “a negrinha”? Como é o rosto dela? E a expressão corporal? Continue anotando.

Escreva as imagens e impressões que os próximos versos lhe trazem. Primeiro surge a janela, depois a lua. Como você imagina essa janela? E a lua? Cheia, minguante? No alto? Será que a menina a vê? Por que a lua, e não o sol? Você imaginou a noite? A escuridão se articula de que maneira com as imagens de cripta em sua memória?

Refleta sobre os versos seguintes: “No relógio/ o tempo./ No tempo/ a casa”. Você imagina um relógio? Como ele é? E o tempo no relógio, como você entende? Será que é o tempo passando? Será que é o tempo parado? O que o tempo tem de ver com cripta, com susto? O que a passagem do tempo faz lembrar? E a casa, que está “no tempo”? Como você compreende esses versos? A casa é afetada pelo tempo, ou não? Que casa é essa? Como você a vê, em sua mente? É velha? É nova? Pequena, grande? Vazia?

“E no porão da casa?”, pergunta o décimo verso. Por que o eu lírico do poeta faz essa pergunta? Será que a resposta pode explicar a menina assustada debaixo da mesa? Como você recebeu essa pergunta? Anote em seu caderno.

Leia várias vezes o verso seguinte: “No porão da casa umas estranhas ex-criaturas”. Notou como há sons que se unem e se repetem? “UmASEStranhASEX-criaturas”. Que sensações essas sonoridades provocam em você? E o que seriam “ex-criaturas”? Seres vivos, que não são mais seres, ou não são mais vivos? O que são, então?

Chegamos ao porão, chegamos à cripta. Note a forma do poema: não parece que os versos curtos e irregulares são escadas, que vão nos levando para um subterrâneo? Esse subterrâneo seria formado por um longo verso, que os colchetes indicam ser único, verso bem mais extenso que os anteriores, ou “degraus”, se você concordar com essa leitura da estrutura visual do poema. Mas, além de sua função de indicar a continuidade do verso, os colchetes parecem assumir uma outra: a de imitar paredes, que encerram as “estranhas ex-criaturas”. Você concorda? Ou não? Continue escrevendo suas impressões.

Anote, igualmente, as imagens projetadas em sua mente ao ler a descrição dessas ex-criaturas e do modo como elas se comportam. Que elementos elas apresentam? A que remetem esses elementos? “Cabelos de teia-de-aranha”, “olhos sem luz” lembram lugares escuros, fechados, profundos? Lembram morte, decomposição, esfacelamento? Há uma comparação que dá ênfase à impressão de apodrecimento, deterioração: as ex-criaturas são “que nem mariposas ai todas se esfarelado”. Como você imagina essas mariposas que se esfarelam? De que cor elas são?

Apesar do aspecto que lembra decomposição, as ex-criaturas estão “sempre se remexendo eternamente se remexendo”. Ora, remexer é mexer repetidas vezes, ininterruptamente. “Eternamente” – o que é ainda mais dramático. Em sua opinião, que relações o advérbio “eternamente” estabelece com “cripta”?

Surge então nova comparação. As ex-criaturas são “como anêmonas fofas no fundo de um poço”. Anêmonas são animais marinhos, que se assemelham a plantas. Elas possuem grande quantidade de tentáculos, nos quais existem milhões de pequenas estruturas. Se algum peixe ou outro animal marinho tocam, ainda que levemente, essas estruturas, elas disparam pequenos espinhos venenosos que seguram, queimam e paralisam a vítima. Você já viu uma anêmona? Que imagem surgiu em sua imaginação ao ler a comparação entre as ex-criaturas e esse animal marinho? Saber que as anêmonas são venenosas, que queimam e paralisam suas vítimas influenciou sua leitura do poema?

As anêmonas parecem ser algo que não são. As ex-criaturas também se parecem com mariposas se esfarelando, ou com anêmonas, mas não são nem uma nem outra. O que elas são?

Uma possível leitura é a de que a cripta seria “o que concerne à natureza mais íntima do indivíduo, geralmente não percebido nem revelado”. Algo que existe no fundo do eu lírico, que o assusta, mas que ele não consegue perceber claramente, não consegue trazer à luz. Você já teve a sensação de que guarda coisas secretas em seu íntimo, que nem você sabe direito o que são, mas que têm a capacidade de trazer angústia, medo, incômodo? Por vezes, temos a impressão de que há “restos” de experiências vividas, talvez malresolvidas, talvez não compreendidas, que continuam se remexendo em nosso interior, sem que alcancemos decifrar sua natureza. Imagens antigas, sons, cheiros há muito desaparecidos, mas que permanecem em nosso interior, em um estado que não é nem o de coisa viva, porque não existe mais, nem o de coisa morta, porque ainda persiste em nós.

Pense: há fragmentos de cenas, há dores, há sustos, há ex-criaturas que permanecem em seu íntimo? Pode ser que você se identifique com o eu lírico, então. Essa identificação é, muitas vezes, a chave para gostarmos de ler determinada obra. Seus alunos, ainda que jovens, provavelmente também terão lugares escuros dentro deles, onde ex-criaturas – que um dia podem ter sido esperanças, sonhos, momentos vividos – estão se remexendo. Quando há identificação com o poema, com as idéias que ele sugere, mesmo que elas não se apresentem de modo claro a nós, a leitura fica mais gostosa. Ainda que trate de algo tenebroso, como as ex-criaturas do poema “Cripta”.

Observe como o poema termina: a última palavra, isolada no final do verso, é “poço”, seguida de exclamação. Qual o efeito que essa palavra provoca? E a exclamação? Se outra palavra fechasse o poema, o efeito seria o mesmo?

Por falar em efeito, que sonoridades chamaram sua atenção? Há repetições de sons que você considera importantes?

Para dialogar com sua leitura do poema, procure conhecer outras leituras, como a de Maria Luiza Berwanger da Silva, no prefácio de *O aprendiz de feitiçeiro*. Ela afirma que, nos versos finais de “Cripta”, Mario Quintana inclina-se a

atenuar a paisagem da feitiçaria, mundo longínquo e em constante vir-a-ser; como se, tal em um jogo de graça e de alegria, o poema desse a ver um outro lado, uma margem outra, em que, presentes ou ausentes, figuras ou objetos multiplicados espiassem o poeta em olhar que nos instala no centro do espaço de fabricação poemática. Portanto, o exercício de tecer, de

*retecer e de relocalizar imagens representa algumas das inclinações que restituem ao poeta e ao leitor a certeza de participar das infinitas modulações do mundo vasto.*¹¹

Você concorda com essa leitura? Veja outra, de Tania Franco Carvalhal, a respeito da poesia de Quintana:

*Na rotina e no sonho, no riso e na lágrima, seus “quintanares” nos vão dizendo sobre tudo aquilo que paira na superfície, sobre a face mais exterior das coisas ou o sentido mais evidente de um gesto e, simultaneamente, vão desvelando o que, no fundo, se trama.*¹²

Você acha que o poema “Cripta” nos diz algo sobre o que paira na superfície e, ao mesmo tempo, mostra o que se trama no fundo? Essa e outras questões parecidas, provavelmente feitas em linguagem bem mais informal, podem surgir na *Hora da Leitura*. Providencie cópias do poema ou escreva-o na lousa, respeitando sua estrutura. E, com as lanternas da mente e da alma, entrem juntos na cripta de Mario Quintana, para descobrir segredos insuspeitados.

Aquecendo para a Leitura

Inicie conversando com a turma sobre o título do poema. Alguém sabe o que é cripta? Quem pode explicar o que é? O que se faz em uma cripta? Ela fica em cima ou embaixo da terra? Eles teriam medo de entrar em uma cripta? Abra espaço para que eles falem livremente sobre o tema. Assim, você vai descobrir se conhecem a palavra “cripta” e o que relacionam a ela. É natural que alguns alunos falem de filmes de terror, imitem zumbis, dêem risadas nervosas. Tudo bem: é sinal de que o assunto está mexendo com eles, o que garantirá mentes alertas para a leitura do poema.

A conversa pode durar até quinze minutos. Escreva rapidamente os comentários que achar importantes para uma posterior retomada. Confira se todo mundo já sabe bem o que é cripta e quais as suas características. Se achar interessante, você pode citar algumas definições do dicionário, ou explicar a eles os sentidos da palavra.

11. SILVA, Maria Luiza Berwanger da. O aprendiz de feiticeiro: poesia, decifração e transcendência. In: QUINTANA, Mario. *O aprendiz de feiticeiro*. São Paulo: Globo, 2005. p.8.

12. CARVALHAL, Tania Franco [1984]. Quintana, entre o sonhado e o vivido. In: Instituto Estadual do Livro (RS). *Mario Quintana*. 3.ed. p.16-17.

Saboreando o Texto

Façam várias leituras do poema, silenciosamente e em voz alta. Você pode fazer a primeira leitura em voz alta e depois pedir a alguns alunos que leiam novamente o texto. Incentive-os a ler com emoção, respeitando a cadência dos versos, sem engolir palavras ou “falar para dentro”. É essencial que eles pratiquem a leitura em voz alta, até que passem a ver essa prática com naturalidade. O exercício é importante para perceber ritmos e sonoridades, mas também para desenvolver a capacidade de ouvir o colega que lê, respeitar sua leitura, esperar que ele acabe para interferir de alguma maneira na atividade.

Entrelaçando Leituras Coletivas

Feitas algumas leituras, conversem sobre as imagens sugeridas pelo poema. Percorra caminho semelhante àquele feito individualmente em Preparando a Hora. Deixe que as imagens pensadas por eles venham à tona, sejam verbalizadas. Você pode pedir à classe que faça desenhos para determinados versos. Esse exercício pode ajudar a todos, ao permitir que vocês percebam o que é fácil de visualizar, de traduzir em imagens, e o que não é. Mas os desenhos precisam ser comentados; do contrário, perdem a razão de ser.

A parte final do poema, aquela que identificamos como a própria cripta, onde vivem as “ex-criaturas”, talvez seja a mais difícil de imaginar. Ou não: às vezes, percebemos com surpresa que nossos alunos têm menos travas do que nós para interpretar textos literários. Incentive-os a descrever, a representar com o corpo, a desenhar o que são, para eles, as ex-criaturas. Será que elas vivem em uma casa, ou será que vivem no interior da gente? Será que a casa é uma metáfora de nós mesmos? Caso eles não saibam o que é metáfora, explique que se trata de uma comparação, da qual se tirou a palavra “como” ou similar. É uma explicação simplificada, mas deve possibilitar a eles refletir sobre a casa mencionada no poema, bem como sobre a cripta. Se desconhecem alguma palavra, explique-a.

Procure criar uma atmosfera afetuosa para que eles se sintam à vontade, descontraídos. Esse “clima” de bate-papo informal vai incentivá-los a falar sobre seus medos, sobre fragmentos de lembranças, sobre sensações esquisitas que guardam e não sabem bem o que são. Quando começarem a falar de seus sentimentos, provocados pelas estranhas ex-criaturas, provavelmente terão se identificado com o poema. Pronto: a conexão estará feita. Ficará mais fácil a fruição da obra.

Pode ser que alguns alunos mencionem sensações, como arrepios, nojo, asco. Pode ser, também, que eles achem “bobas” as tais ex-criaturas, se comparadas a vampiros, lobisomens e outros monstros de filmes e *videogames*. Peça para que eles expliquem o que lhes dá mais medo: aquilo que tem forma, ou aquilo que não tem? Aquilo que pode ser conhecido, reconhecido, ou aquilo que não sabemos o que é? Aquilo que vem de fora, ou aquilo que está dentro de nós?

Aproveite para comentar com eles que a poesia trata *também* daquilo que não pode ou não chega a ser dito, daquilo que está além da linguagem. Mas que pode ser intuído, sentido, adivinhado. Como tantos mistérios da vida. Mistérios que existem no mundo exterior e no mundo interior; quantas vezes

não descobrimos coisas dentro de nós das quais nem suspeitávamos? A poesia, por vezes, nos dá a chave que abre portas, baús, cofres escondidos em nós. E criptas.

Havendo tempo, apresente à classe o poeta Mario Quintana. No livro *Aprendiz de feiticeiro* há informações sobre sua vida e obra.

Desdobramentos para Outros Momentos

Explore com os alunos não só as imagens sugeridas pelo poema, mas também seu ritmo, suas sonoridades, sua disposição na página. Juntos, esses recursos fazem do poema a obra de arte que é. Leiam outros poemas de Mario Quintana, que experimentou variados ritmos e formas, sempre produzindo textos de fortes sugestões imagéticas. Muitas delas são extremamente bem-humoradas, e chegam a provocar risos.

Procurem ler igualmente outros poetas do acervo, observando e examinando atentamente as imagens evocadas por seus versos. Em *Poemas rupestres*, Manoel de Barros, por exemplo, apresenta farta mina de imagens, as mais belas, estranhas, deliciosas. Flora Figueiredo e Vinicius de Moraes também são mestres em construir versos repletos de imagens surpreendentes, encantadoras.

Comparem poemas que tratam do mesmo tema e vejam como cada autor cria imagens diferentes para expressá-lo. Leia, por exemplo, como Raimundo Correia retrata o final do dia em “Anoitecer”¹³:

*Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de oiro e de púrpura raiados
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...*

Bonito, não? Além das belas imagens, observe e sinta a pulsação das palavras, o ritmo, as sonoridades. O fim do dia também é descrito e sugerido de modo maravilhoso, e completamente diferente, no poema “Crepúsculo sertanejo”¹⁴, de Castro Alves. Note como as imagens são outras – assim como o ritmo, a sonoridade, a forma. Vale a pena ler os dois poemas inteiros, e mais alguns que tematizam o anoitecer, o amanhecer...

13. CORREIA, Raimundo. Anoitecer. *Minienciclopédia de poesia e crônica do Instituto Itaú Cultural*. Panorama Itaú Cultural de Poesia e Crônica. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>> Acesso em: 20 ago. 2006.

14. ALVES, Castro. Crepúsculo sertanejo. *Minienciclopédia de poesia e crônica do Instituto Itaú Cultural*. Panorama Itaú Cultural de Poesia e Crônica. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>> Acesso em: 20 ago. 2006.

Hora da Leitura de mitos e lendas

O Senhor do Bom Nome e outros mitos judaicos, de Ilan Brenman, *Lendas do Japão*, de Sylvia Manzano, e *Lendas da África*, de Júlio Emílio Braz.

Que tal viajar pelo mundo nas asas de histórias ancestrais, transmitidas de geração em geração por séculos? É o que propomos nessa *Hora da Leitura*, dedicada aos livros *O Senhor do Bom Nome e outros mitos judaicos*, de Ilan Brenman, *Lendas do Japão*, de Sylvia Manzano, e *Lendas da África*, de Júlio Emílio Braz. Você e seus alunos desfrutarão da sabedoria e do imaginário dos povos que criaram essas histórias tão antigas e bonitas.

Preparando a Hora

O planejamento da atividade pode iniciar pela pergunta: o que são mitos e lendas?

A palavra mito tem várias acepções, originadas dos estudos que vários campos do conhecimento humano dedicam ao assunto. A antropologia, a filosofia, a psicanálise, a sociologia, a história, a lingüística são apenas algumas das disciplinas que estudam o mito, e que dão a ele definições diversas.

De modo simplificado, podemos dizer que o mito é uma narrativa de tradição oral, geralmente de caráter fantástico, protagonizada por seres (homens, anjos, criaturas sobrenaturais) que encarnam, simbolicamente, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana. É comum os mitos narrarem e explicarem a origem de fenômenos naturais, de homens e mulheres, plantas e animais, montanhas, lagos e outros acidentes geográficos. Por vezes, os mitos contam a origem de algum costume de determinado povo¹⁵.

Na introdução de *O Senhor do Bom Nome e outros mitos judaicos*, Luana Chnaiderman de Almeida explicita a relação do mito com o sagrado:

Neste belo livro temos sete histórias judaicas, contadas ao longo de uma semana, uma história para cada dia. Histórias sobre o mundo, sua formação e a vida dos homens na terra, histórias tão antigas quanto a própria existência, parte de uma sabedoria encantada, passadas através dos dias da semana, dos anos, das décadas, dos milênios... Desse vasto universo oral, Ilan Brenman colhe alguns de seus preciosos frutos, e faz com que possamos participar de uma corrente muito antiga de contadores e ouvintes de histórias, sobre a qual se apóia o judaísmo e mesmo o mundo. São histórias portadoras de segredos, que dialogam com o livro escrito que conta a grande história do mundo, a Bíblia.

15. Um bom ponto de partida para estudar o assunto é o livro *O que é mito*, de Everardo P. Guimarães Rocha. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos)

Nas histórias de diferentes povos, os mitos também se entrelaçam com os ensinamentos sobre o divino, o sagrado, as origens da vida, as razões da morte.

A lenda se distingue do mito por ter origem em fatos que realmente aconteceram, mas que foram amplificados ou transformados pela imaginação popular, ou pela evocação poética. Além disso, o mito está sempre relacionado ao divino, ao sobrenatural, enquanto a lenda pode tratar de figuras como reis e rainhas, guerreiros e crianças, animais e criaturas maravilhosas que não necessariamente simbolizam uma força maior. É o que acontece com as personagens das histórias de *Lendas da África* e *Lendas do Japão*.

Seus alunos entrarão em contato, por meio da leitura, com histórias originalmente transmitidas de forma oral. Essas histórias não têm autores conhecidos; são anônimas. Foram contadas por inúmeras pessoas, que conferiam a elas detalhes, entonações, brilhos diferentes. Ilan Brenman, Sylvia Manzano e Júlio Emílio Braz, ao recontarem mitos e lendas, emprestaram o seu jeito especial de narrar a essas histórias tão antigas.

Para realizar essa *Hora da Leitura* sobre mitos e lendas, vamos tentar recuperar um pouco do ambiente em que essas histórias eram contadas. A prática de reunir-se diante do fogo para contar histórias, por exemplo, é comum a povos dos mais diversos pontos do planeta. Você não precisa de uma fogueira real, mas pode reunir seus alunos em um grande círculo. No centro, coloque um globo com o mapa-múndi, para que a turma localize as partes do mundo onde se passam as histórias. Ou, então, uma caixa com os livros do acervo, simbolizando o repositório de lendas e mitos da humanidade.

As *Horas de Leitura* sobre mitos e lendas podem se estender por vários dias. É interessante que, em uma primeira Hora, os alunos escolham que livro querem ler, que narrativa desejam conhecer, e façam a primeira leitura sozinhos, em duplas ou grupos – como desejarem, e como o número de cópias permitir. Para que eles possam conhecer os livros, cheirá-los, namorá-los, escolhê-los, traga todos os exemplares para a classe e coloque-os à disposição – no meio do círculo, que tal?

Anuncie que vocês vão ler mitos e lendas de povos diferentes. Explique o que são mitos e lendas, de forma acessível a eles. Conte que essas narrativas não têm autoria; ou melhor, que sua autoria se perdeu no tempo. Informe que foram transmitidas de geração a geração por muitos séculos, sempre de forma oral, até serem registradas em livro. Isso significa que eles podem encontrar as mesmas histórias lidas nos livros do acervo em outros livros, ou contadas por outras pessoas, com pequenas variações. Se achar conveniente, você pode ler para eles uma das histórias nesse primeiro contato. Depois da leitura, expresse por que gostou da história, o que lhe chamou a atenção, o que considerou bonito. Conversem livremente sobre a narrativa.

Em seguida, estimule-os a ler outras histórias, mas não os obrigue. Eles podem ler sozinhos, em duplas, em grupos, durante a *Hora da Leitura*. Podem também levar um livro para ler em casa, e depois passá-lo a outro colega. Acompanhe os empréstimos de livros, as trocas, os comentários dos alunos. Em sala, observe suas reações enquanto eles lêem, anotando acontecimentos importantes ocorridos durante a leitura, dando explicações a dúvidas que venham a ter. Veja se aqueles alunos que não quiseram ler de início já estão com vontade. Se não estiverem, não tem problema. A leitura deve ser feita por prazer, não por obrigação.

Essa atividade de leitura solitária, em duplas ou grupos pode durar algumas *Horas de Leitura*. Quando alguns alunos já tiverem lido várias histórias, você pode fazer uma primeira leitura em círculo, a fim de que compartilhem com os colegas o que leram.

Explique a eles que vocês farão um círculo, tal como pessoas de muitos povos costumavam (alguns ainda costumam) fazer para contar histórias. A diferença é que vocês vão *ler* as histórias, em voz alta, para toda a classe. Cada aluno lerá uma história – de preferência, aquela de que mais gostou. Comente a necessidade de fazerem uma leitura clara e pausada, com ritmo e emoção. Só assim eles vão conseguir ativar a magia dos textos e cativar os ouvintes, tal qual os antigos contadores de história. É interessante que você ouça algumas leituras em voz alta antes de elas serem apresentadas à classe toda. Dessa maneira, poderá ajudar os alunos a melhorarem eventuais pontos fracos e terá oportunidade de parabenizá-los pelos pontos fortes de suas leituras. Certamente eles se sentirão mais seguros para fazer a leitura aos companheiros. Incentive-os a fazer vários ensaios antes do grande dia.

Talvez seus alunos ainda não estejam acostumados a ler em voz alta. Essa pode ser, então, uma boa oportunidade para começarem. É fundamental que já tenham ouvido leituras expressivas em voz alta, feitas por você, principalmente. Assim, eles terão um modelo ao qual recorrer para desenvolver a própria leitura.

Chegado o dia das leituras em voz alta, peça aos alunos que lerão as histórias para informar aos colegas de que livro elas são as narrativas escolhidas. Eles também podem contar brevemente por que escolheram aquele texto. O entusiasmo do leitor pela história que irá ler provavelmente vai seduzir os colegas, que ficarão mais atentos durante a leitura, com vontade de saber o que, afinal, a narrativa tem de tão bom. Os jovens leitores só não podem adiantar o final da história, ou fazer referência a lances surpreendentes; é preciso manter o suspense.

Saboreando o Texto

Enquanto um aluno lê, observe o modo como os colegas o ouvem. Anote que partes do texto chamaram a atenção da turma, que partes aborreceram os alunos. Registre se alguém se sentiu enfasiado, se alguém ficou emocionado, se houve risos, murmúrios, bocejos. Esses elementos são como um termômetro para você avaliar se a atividade está no caminho certo – ou seja, eles estão gostando de ler e de ouvir – ou se algo precisa ser mudado.

Entrelaçando Leituras Coletivas

Os alunos que lerem em voz alta podem iniciar os comentários sobre a história que acabaram de ler. É interessante que eles contem para a classe o modo como entraram em contato com o livro – eles mesmo o escolheram, ou leram a história por indicação de alguém? Foi a primeira narrativa do livro que leram? Já leram outras do mesmo livro? O que, naquela história em particular, lhes tocou mais? Será que

eles se lembraram de outras histórias? Que relações fizeram com a narrativa? Esses e outros comentários relacionados à experiência de cada um com determinado livro e determinada história são úteis de várias maneiras. Incentivam outros alunos a ler o mesmo texto, apontam a você o que está funcionando na atividade e o que não está, ajudam cada aluno a refletir sobre sua história de leitura e contribuem para a criação de uma história de leitura coletiva.

Estimule outros alunos a comentar a história lida. Se sentirem necessidade, solicite que o texto seja lido novamente. Geralmente é preciso ler ou ouvir um texto pelo menos duas vezes para poder refletir sobre ele de modo mais aprofundado. Você pode dirigir o bate-papo pós-leitura, fazendo perguntas específicas sobre personagens, acontecimentos, lugares. Pode, também, deixar os alunos falarem de modo solto sobre o texto. Essa possibilidade geralmente permite aos professores perceber de modo mais nítido o que chamou a atenção dos alunos, o que eles não entenderam bem, o que eles adoraram, o que detestaram.

Desdobramentos para Outros Momentos

Continuem a leitura de mitos e lendas, aventurando-se por outros livros da biblioteca da escola¹⁶, do acervo pessoal de professores e alunos, da Internet¹⁷. Comparem mitos de povos diferentes sobre acontecimentos semelhantes, como a criação do mundo. Se for possível, escrevam lendas ouvidas a fim de compartilhar com os colegas na *Hora da Leitura*. Você já ouviu falar em “lendas urbanas”? Cada cidade costuma ter as suas. São histórias de fantasmas, de heróis populares, de bandidos famosos. Elas costumam revelar muito sobre o imaginário dos brasileiros de diferentes regiões do país.

16. Há bons livros de mitos e lendas que integram o acervo do Programa Nacional do Livro Didático. Entre eles, *A lenda do guaraná*, narrada por Ciça Fittipaldi, e *O rei Gilgamesh*, lenda mesopotâmica narrada por Ludmila Zeman.

17. Você pode encontrar lendas e mitos brasileiros nos sites *Caracol de Ovidio* <<http://caracol.imaginario.com/estorias/index.html>> e *Educa Terra* <<http://educaterra.terra.com.br/almanaque/datas/folclore.htm>> Acesso em: 22 ago. 2006.

Hora da Leitura de conto

“No castelo que se vai”, de Marina Colasanti

O conto “No castelo que se vai”, de Marina Colasanti, é a estrela dessa *Hora da Leitura*. Por meio da narrativa de Marina, vamos aprender a apreciar elementos que costumam estar presentes nesse gênero tão antigo que é o conto.

Preparando a Hora

Marina Colasanti diz, no prefácio de *Entre a espada e a rosa*, que escreveu “um livro de contos de fadas”. Essa afirmação da autora pode ser nosso trampolim para mergulhar em sua narrativa.

Chamamos de contos de fadas, contos populares ou contos maravilhosos aquelas histórias que foram narradas de boca a orelha ao longo de séculos, até serem coligidas por escritores que as publicaram em livro. Embora seja possível estabelecer diferenças entre estas três denominações, especificando traços de cada uma delas, também podemos considerá-las como sinônimos. Todas têm em comum a oralidade de raiz. Aliás, muitas continuam existindo apenas oralmente.

Grande parte desses contos viajou longas distâncias, mudando de narrador, de país e de língua inúmeras vezes. É o caso de histórias famosas como “Branca de Neve e os sete anões”, ou “Aladim e a lâmpada maravilhosa”. Sua origem é anônima e se perde no tempo.

Elas circularam por extensas regiões do globo, mantendo uma estrutura mais ou menos fixa a que cada narrador acrescenta ou subtrai algo. Por exemplo, em algumas versões do conto Cinderela, o sapatinho é de cristal; em outras, é de ouro, diamantes, ou ainda de seda. Apesar desse tipo de modificação nos detalhes, o principal se mantém: há um sapatinho perdido, que só servirá no pé da amada do príncipe. No caso da história de Aladim, ao recontá-la sob forma de cordel, o poeta cearense Patativa do Assaré deu ao mágico malvado traços de um senhor de engenho rico e sovina¹⁸.

Os contos escritos especificamente para publicação em livro começaram a aparecer somente no século XIV, com escritores como o italiano Boccaccio e o inglês Chaucer. Com o desenvolvimento da imprensa, os contos impressos tornaram-se mais frequentes, até que, no século XIX, surgiu o conto moderno, moldado por autores como o americano Edgar Allan Poe¹⁹. O conto literário, criação artística de um determinado autor, apresenta diferença fundamental do conto popular ou de fadas, como explica a crítica Luzia de Maria R. Reis:

18. Cf. ASSARÉ, Patativa do. *História de Aladim e a lâmpada maravilhosa*. Apresentação de Marisa Lajolo. Ilustrações de Fábio Sombra. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. (Coleção Literatura em Minha Casa).

19. Você pode ler contos de Poe na antologia *Os melhores contos de medo, horror e morte*, organizada por Flávio Moreira da Costa e integrante do acervo 2006.

Quando me pergunto “O que é conto?”, duas imagens de narrativa podem, imediatamente, disputar a resposta: nas reminiscências de infância, o recorte de Chapeuzinho Vermelho e, por outro lado, “Missa do Galo”, de Machado de Assis (...), para ficar em dois títulos assim bem divulgados.

Citando esses dois exemplos, um dado pode ser melhor observado: enquanto, para melhor precisar o segundo, eu lhe segui o nome de seu autor, o mesmo não se observa em relação à narrativa de Chapeuzinho Vermelho. Esse fato nos aponta para o X da questão. Em língua portuguesa o termo “conto” serve para designar a forma popular, folclórica, criação coletiva da linguagem e daí a não-propriedade de um único criador, e, ao mesmo tempo, a forma artística, atributo exclusivo de um estilo peculiar, individual.²⁰

Podemos narrar contos de fadas ao sabor de nossas preferências, mudando elementos como a descrição do sapatinho de Cinderela. Já o conto literário apresenta um modo de contar a história que é tão importante quanto a história contada. Como observou André Fiorucci, no conto literário “cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado”²¹.

Os contos do livro *Entre a espada e a rosa*, de Marina Colasanti, têm muito em comum com os contos de fadas; tanto que a própria autora os chama assim. Porém, eles têm autoria e foram construídos de modo bastante peculiar, único. Vamos investigar os elementos que fazem do conto “No castelo que se vai” uma obra literária singular, que dialoga com os contos de fadas tradicionais de maneira também singular.

Para melhor fruir o conto, é interessante observarmos como a autora manipula aspectos importantes, como as personagens, o lugar e o tempo da ação, o conflito que detona os acontecimentos principais da história. Para tornar mais fácil o nosso exame, podemos utilizar uma tabela como a seguinte:

CATEGORIA	ITENS RELEVANTES DA CATEGORIA	ANOTAÇÕES
Personagens	Quantas são as personagens? Qual é a principal? Elas são de que natureza (humana, animal, vegetal...)?	
Narrador	Ele é escrito em primeira pessoa? Ou em terceira? Ele conhece os sentimentos interiores das personagens?	
Espaço da ação (= cenário)	Onde se passa a ação? Quais são as características do cenário?	
Tempo da ação	Em que tempo se passa a história? Quanto tempo dura a ação?	
Linguagem	Que tipo de linguagem é usada? Há palavras que você desconhece? Há figuras de linguagem? Há termos típicos de determinada região?	
Conflito	Qual é o acontecimento que precipita os principais lances da história?	

Essa tabela deve ser usada como um guia por você, a fim de sistematizar o registro de suas leituras de contos. Se resolver utilizá-la nas atividades do *Hora da Leitura*, tome cuidado para que ela não se transforme em fonte de exercícios enfadonhos, “assassinos” da fruição do texto. Você pode abordar os mesmos elementos de outras formas com seus alunos – por exemplo, por meio de um bate-papo informal, de uma construção coletiva de leituras sobre cada elemento, de algum tipo de jogo sem “certos e errados” inibidores.

Começamos nossa interpretação do conto pelas personagens. O Rei do Nada, personagem principal do conto, ou protagonista, aparece logo na primeira linha. Seu antagonista, ou personagem que se opõe à principal, é o temível rei Ráiç, que sonhava ser Rei de Tudo. Há inúmeras personagens secundárias: as damas, crianças, cavaleiros, bobo da corte, cozinheiro do castelo do Nada; os espíões, embaixadores e guerreiros de Ráiç.

Atente para o modo como Ráiç é descrito. Para informar o quanto ele era temível, o narrador diz que “ao pronunciar seu nome todos baixavam olhar e voz”. É um modo diferente e bonito de dizer que todos tinham medo do rei, não é? Note a maneira como a autora descreve personagens, lugares, sentimentos. É um jeito original, único. Por isso, cada palavra, cada sinal gráfico, cada escolha feita pelo autor de um conto literário é importante e deve ser levada em conta. Essas escolhas dificilmente são casuais. Elas são artisticamente pensadas, e provocam em nós os mais diversos efeitos – que provavelmente não ocorreriam ou seriam muito diferentes se as palavras fossem outras.

O narrador é em terceira pessoa. Por vezes, é onisciente, ou seja, desvenda o interior das personagens. Ficamos sabendo, por exemplo, que Ráiç, “acordado ou dormindo, sonhava tornar-se um dia Rei de Tudo”.

O espaço da ação é o castelo do Rei do Nada e, em um breve trecho da narrativa, o castelo do rei Ráiç. As descrições do castelo do Nada estão entre as mais belas da história. Observe, por exemplo, a sonoridade e a delicada sugestão de imagens do trecho “etérea arquitetura flutuando no azul”. Mude a posição das palavras, troque-as por sinônimos. Há algo que se perde, não? O conto também tem uma arquitetura, e quando a modificamos já não é o mesmo conto. O adjetivo “etérea”, por exemplo, significa “da natureza de ou próprio do éter”. Em sentido figurado, pode ter a acepção de “sublime, elevado, celestial, divino”. Esses vários sentidos, quando articulados com o desenrolar da história, geram interessantes interpretações sobre o que o castelo do Nada simboliza, não é mesmo?

Quando investigamos o significado de uma palavra em especial de um conto, estamos fazendo a chamada “microanálise”. Um texto literário é como o mar, para usar comparação bastante conhecida. Podemos nadar na superfície, boiar sem maiores preocupações. Essa atividade é muito válida e muito prazerosa. Podemos, também, mergulhar fundo no texto, colher conchas, pérolas, entre outros tesouros, e examiná-los sob diferentes prismas. É outro tipo de atividade de leitura, que traz outros prazeres. Com seus alunos, você pode fazer mergulhos, boiar, colocar apenas os pés na água... tudo vai depender das circunstâncias. Se eles ainda não sabem nadar por longas distâncias, atirá-los a determinados textos que exigem fôlego e certo preparo pode ser terrível.

20. REIS, Luzia de Maria R. *O que é conto*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.10 (Coleção Primeiros Passos)

21. FIORUSSI, André. Quero mais. In: ANDRADE, Mario et al. *Para gostar de ler: contos*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Voltando ao conto, qual é o tempo em que se passa a ação? Se você não encontrou data definida, não se preocupe. O tempo, nesse conto, é indefinido, tal como nos contos de fadas. Não sabemos em que época exatamente a história se passou. Essa é uma característica dos contos populares, que geralmente começam com fórmulas do gênero “Era uma vez...” ou “No tempo em que os animais falavam...” Essas fórmulas já apontam a indeterminação do tempo.

Com relação à linguagem, como você a define? Há palavras desconhecidas, de raro uso no dia-a-dia? Apresenta regionalismos? Tem tom humorístico, poético, melancólico? Anote suas observações sobre esse tópico. Elas ajudarão a avaliar com que turma, de qual faixa etária, ler o texto.

E quanto ao conflito? Parece que o acontecimento que precipita o desenrolar da história é o desejo do rei Ráiç de conquistar o castelo do Rei do Nada. Esse desejo impulsiona todos os outros fatos que se seguem no conto, até o desenlace final.

Falando em desenlace, o conto literário geralmente tem final surpreendente. Não é regra, mas é frequente haver um conflito inicial, do qual o autor tenta extrair o máximo – inclusive em termos de tensão, que vai crescendo até ficar quase insuportável. O desenlace costuma provocar surpresa e desfazer a tensão. Será que o conto que estamos lendo é assim?

Marina Colasanti admite, em entrevista reproduzida no final do livro, que nos contos de *Entre a espada e a rosa* “existem todos os símbolos que se puderem encontrar, talvez alguns tão discretamente colocados que ninguém chegue a ver”. Você encontrou símbolos em “No castelo que se vai”? Em sua opinião, esse castelo simboliza algo? E os reis? O final do conto tem conotação simbólica? Pode ser que você e seus alunos atribuam significados e símbolos diferentes para os mesmos elementos do conto. Como disse a autora, existem nele todos os símbolos que vocês puderem encontrar. O texto está aberto a diferentes leituras, e entrelaçá-las pode ser muito divertido. Só não vale impingir ao texto idéias das quais ele não trata, como a vida de uma princesa, a carestia no Brasil, a composição do éter...

Você pode ler esse texto para seus alunos em voz alta²². Se todos puderem ter cópias do conto, melhor. Mas, se isso não for possível, a leitura feita por você dará conta do recado. Leia duas ou mais vezes, para que a turma possa fruir melhor o texto, percebendo aspectos que geralmente passam despercebidos em uma primeira audição.

Aquecendo para a Leitura

Mostrar a capa do livro para a turma é um bom modo de aquecê-los para a leitura. Examinem a ilustração, feita pela própria autora. Solicite aos alunos que expressem suas opiniões sobre as pessoas da

22. Há um excelente audiolivro com contos de Marina Colasanti lidos por ela mesma. Nesse livro, gravado em CD, ela lê o conto “No castelo que se vai”. Se for possível obtê-lo, ele pode ser útil na Hora da Leitura, por apresentar voz diferente, da própria autora, lendo de maneira expressiva vários contos. Cf. COLASANTI, Marina. *A moça tecelã e outras histórias*, escritas e contadas por Marina Colasanti. Trilha sonora de Geraldo Brandão. Produção de Paulinho Lima. Audiolivro em CD. Niterói (RJ): Gravadora Luz da Cidade, 2000.

capa: quem são? Talvez eles respondam “um cavaleiro, um guerreiro, um príncipe”, e “uma moça pobre, uma fada, uma princesa”, entre inúmeras outras possibilidades. Peça que eles digam o que, na ilustração, os fez imaginar as figuras como tais ou quais personagens. Por exemplo, eles acharam a moça bonita? Isso os faz pensar que ela é uma princesa? Eles relacionam armaduras a príncipes ou guerreiros? Será que dentro da armadura há mesmo um homem, ou será que é uma mulher quem a veste? É uma boa deixa para conversar sobre os estereótipos dos contos de fadas, como príncipes guerreiros e princesas bonitas.

Aproveite para perguntar à turma que outras personagens costumam aparecer em contos de fadas. Dragões, bruxas, madrastas, rainhas podem ser mencionados, entre outros. E em que lugares as histórias costumam se passar? Castelos, florestas mágicas, choupanas pobres são alguns dos lugares que eles podem lembrar. Avalie, pelos comentários da classe, o repertório dos alunos a respeito de contos de fadas.

Em seguida, anuncie que lerá para eles um dos contos do livro, intitulado “No castelo que se vai”. O que eles acham desse título? Um castelo pode “ir”? Para onde? Deixe que falem livremente sobre suas expectativas a respeito da narrativa, sugeridas pelo título. Ouvidos os comentários, comece a leitura.

Saboreando o Texto

Leia o texto para a turma, sem pressa, respeitando o ritmo das frases, dando ênfase aos lances importantes, conferindo diferentes matizes de emoção a cada trecho. Se desejar, pare a leitura após a última fala do Rei Ráiç, “pois então, é esse Nada que eu quero!”. Pergunte aos alunos o que eles acham que vai acontecer. Essa parada pode contribuir para aumentar o suspense e checar as expectativas dos alunos. É bom lembrar, porém, que muitas interrupções podem tornar a leitura truncada, enfadonha. Assim, se decidir parar a leitura, faça-o apenas uma vez; até porque o texto é curto. Leia mais uma vez, para que a turma perceba melhor aspectos que pode não ter notado na primeira audição.

Entrelaçando Leituras Coletivas

Conversem sobre o conto. Você pode dirigir a conversa, fazendo perguntas sobre as personagens, o espaço e o tempo da ação, a linguagem, o narrador, o conflito. Aprender que uma narrativa é uma sequência de acontecimentos que levam a outros, todos precipitados por um primeiro conflito, é algo que tornará os alunos mais atentos para apreciar a maestria com que bons autores constroem conflitos e os resolvem – em contos, telenovelas, romances, *videogames* com história.

Troquem idéias sobre a maneira como protagonista e antagonista são caracterizados. Os homens da corte do Rei Ráiç são violentos como ele? E as pessoas da corte do Rei do Nada, como são? Observem as sonoridades presentes no texto. Por exemplo, que sons se repetem em “Rei Ráiç”? Esse nome soa suave ou áspero? O que a palavra “Ráiç” lembra? Explique para a turma que, em um texto literário, mesmo em prosa, o modo como o autor diz as coisas é tão importante quanto as coisas que ele diz. Há poesia na prosa! Por isso, ao exa-

minarmos com atenção a maneira como as palavras são escolhidas, reunidas em frases, articuladas em parágrafos, percebemos que o texto tem ritmo, sonoridades, sugestão de imagens as mais inesperadas e admiráveis.

As descrições do castelo do Rei do Nada e de sua corte, por exemplo, projetam em nossa imaginação imagens delicadas, como a dos longos trajes das damas, “leves como suspiros”. Como os alunos imaginam esse castelo que não tem telhado nem paredes, e voa ao sabor do vento? Talvez eles relacionem a transparência do castelo a objetos como plástico fino, vidro, tecidos leves. Como imaginar o nada? Será que o nada pode ser a ausência de tudo, ou o desejo de tudo? O que nos leva aos símbolos.

Na opinião deles, o que ambos os reis e castelos simbolizam? Por que o Rei do Nada ri do Rei Ráiç? Por que Ráiç já não pode ter tudo?

Pode ser que essas reflexões ecoem por dias nas mentes da turma, o que é ótimo. Bons contos ficam reverberando em nós por muito tempo.

Desdobramentos para Outros Momentos

O poema “A casa”, de Vinicius de Moraes, também fala de uma construção que “não tinha teto/ não tinha nada”. É uma boa sugestão de texto para dialogar com o conto “No castelo que se vai”. O poema de Vinicius, integrante da *Nova antologia poética*, foi musicado por Toquinho e costuma agradar muito aos alunos²³.

Leiam os outros contos de Marina Colasanti, fruindo o estilo peculiar da autora e o modo como ela costura imagens belas e poderosas, em histórias cheias de fantasia que nos dizem muito sobre nós mesmos. Os alunos podem se revezar na leitura em voz alta para a classe, seguida de discussão.

As narrativas da antologia *Os melhores contos de medo, horror e morte* também apresentam estilos singulares de diversos autores, cada um deles fazendo uso diferente de recursos formais para criar efeitos de suspense, medo e horror. Observem como o conteúdo dos contos depende muito do modo como é posto em palavras. Utilize a tabela como guia para leituras aprofundadas, mesmo dos contos traduzidos. Embora fique difícil avaliar aspectos como linguagem e utilização de recursos formais em traduções, é possível examinar com muita acuidade a construção dos conflitos, das personagens, do tempo e do espaço da ação.

Leiam também contos de fadas. Muitos deles não são tão conhecidos pelos jovens. São contos que nos falam de medos, alegrias, tristezas, conflitos ancestrais. E o modo como são contados varia de narrador para narrador, situação diferente daquela dos contos literários. Os acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola reúnem muitos livros de contos de fadas²⁴ e de contos literários²⁵, esperando por você e sua turma para serem descobertos!

23. É possível ouvir a canção “A casa” no site oficial de Vinicius de Moraes. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br>> Acesso em: 20 ago. 2006.

24. Veja, por exemplo, *Contos tradicionais do Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo, integrante do PNBE/2003, e *Contos de Grimm*, do PNBE/2000.

25. Experimente ler *Contos de ontem e de hoje*, de vários autores, do PNBE/2003, e *Deixa que eu conto*, também de vários autores, do PNBE/2002.

Hora da Leitura de fábula

Fábulas completas de Esopo

As fábulas são excelentes para incentivar o gosto pela leitura e a reflexão sobre nossas ações. Essa *Hora da Leitura* é dedicada às fábulas de Esopo, o primeiro a narrá-las.

Preparando a Hora

Para início de conversa, vamos lembrar o que é fábula.

Neide Smolka, tradutora das *Fábulas completas de Esopo*, dá uma boa definição do gênero na introdução do livro:

A fábula veio do conto, que, por sua vez, existe desde que o homem começou a expressar-se através da fala. A diferença entre eles não é que o conto relata fatos humanos e a fábula, pequenas histórias de animais. Há muitos contos populares que falam de homens e animais, enquanto a fábula, por sua vez, relata fatos acontecidos a deuses, homens, animais e objetos em geral.

A fábula distancia-se do conto quando o seu contador tira do fato relatado um lição de moral.

As fábulas, portanto, são narrativas curtas, protagonizadas por animais, homens, deuses, objetos, plantas que apresentam determinado comportamento. Quando as personagens têm atitudes elogiáveis, costumam sair-se bem de determinada situação. Se, pelo contrário, comportam-se mal, são criticadas e geralmente têm destinos infelizes. No final da narrativa, costuma haver uma “moral” da história, extraída do comportamento das personagens e de suas conseqüências.

Por serem textos curtos, as fábulas são de grande auxílio ao professor que deseja incentivar o gosto pela leitura. Em poucas linhas, personagens maravilhosas (no sentido de que podem ser animais falantes, por exemplo) vivem situações-limite e fazem opções, avaliadas no final da história do ponto de vista moral.

Durante a *Hora da Leitura*, é possível ler várias fábulas curtas. Algumas podem ser escritas na lousa, para que todos os alunos as acompanhem lendo. Tomemos, como exemplo, a fábula “O rato do campo e o rato da cidade”, de número 243 nas *Fábulas completas*. Trata-se de uma das mais famosas fábulas de Esopo, tendo sido recontada por inúmeros autores.

Leia a fábula e, em seguida, examine o comportamento apresentado pelos dois ratos. Qual dos comportamentos, qual das escolhas de vida é elogiada na moral enunciada no fim da história? Você concorda com ela? Poderia pensar em exemplos atuais, de pessoas que vivem na simplicidade, mas são mais

felizes do que aquelas que vivem luxuosamente e com medo? Esse exercício mental de “atualização” da fábula pode ajudar a refletir sobre ela.

Refleta também a respeito do modo como são caracterizadas as personagens, e a maneira como a narrativa se desenrola. Será que os fatos vividos pelos dois ratos convencem o leitor do conselho apresentado ao final?

Aquecendo para a Leitura

O que acha de apresentar Esopo aos alunos antes de ler uma de suas fábulas? O livro *Fábulas completas* traz excelente apresentação sobre o fabulista. Os alunos talvez gostem de saber que Esopo, se realmente existiu, parece ter sido um escravo. Sua cultura e criatividade, no entanto, tornaram-no famoso entre os homens de sua época. Eis um forte elogio à cultura e à capacidade humana de superar limitações, não?

Conte à turma que vocês lerão uma fábula de Esopo, bastante antiga, mas com um ensinamento que pode ser muito útil nos dias de hoje. Eles sabem o que é fábula? Conhecem alguma? Mais importante que definir rigidamente o gênero, é identificar com eles alguns elementos peculiares à fábula, como os papéis desempenhados por cada personagem, o modo como se comportam e as conseqüências de suas escolhas.

Registre as observações que eles fizerem sobre o gênero, as fábulas que conhecem, os comentários do tipo “gosto” ou “detesto”. Eles serão úteis para que você possa mapear o repertório da turma sobre fábulas e identificar o que os alunos gostam ou não gostam nelas. Assim, ficará mais fácil ensiná-los a gostar de gênero tão antigo e popular.

Saboreando o Texto

Leia “O rato do campo e o rato da cidade” uma ou mais vezes, de maneira expressiva. Procure fazer vozes diferentes para o narrador, o rato do campo e o rato da cidade. É um meio eficaz para que os alunos associem rapidamente cada fala a seu respectivo “dono”.

Entrelaçando Leituras Coletivas

Conversem sobre a fábula. É momento de abrir espaço para que surjam diferentes pontos de vista sobre a história contada e sua moral. Como os alunos entenderam a história? Será que eles concordam com a moral? Ou discordam? Por quê? É provável que eles façam, espontaneamente, “atualizações” da fábula, contando casos ouvidos, conhecidos, vistos na televisão de gente que é rica mas vive com medo, e gente que é pobre mas vive tranqüila. Incentive-os a narrar esses casos e a compará-los com a fábula. Se

os alunos tiverem dificuldade para fazer as primeiras “atualizações”, comece você a fazê-las. Você pode se valer de suas reflexões, feitas durante a preparação da Hora, para instigá-los a examinar um acontecimento atual e compará-lo com a fábula.

Desdobramentos para Outros Momentos

Leiam outras fábulas, como as de La Fontaine²⁶, que integram o acervo do PNLD. As *Fábulas fabulosas*²⁷, de Millôr Fernandes, podem ser apresentadas à turma, bem como as *Fábulas*²⁸ recontadas por Monteiro Lobato. Esses grandes escritores brasileiros renovaram o gênero com humor e fantasia, fazendo excelentes atualizações e adaptações para a realidade brasileira. Vocês também podem ler outros textos literários, em que personagens apresentem bons ou maus comportamentos, e analisar o que existe de fábula neles.

26. *Fábulas de La Fontaine*, ilustradas por Marc Chagall, integram o módulo “Clássicos” de quinta e sexta séries do PNLD São Paulo/2005.

27. As “fábulas fabulosas” de Millôr podem ser lidas no site oficial do autor. Disponível em: < <http://www2.uol.com.br/millor/> > Acesso em: 23 ago. 2006.

28. Depois de contar fábulas a seus netos, a personagem Dona Benta ouve o ponto de vista deles sobre as histórias. Monteiro Lobato criou uma excelente “pedagogia da leitura” de fábulas, como a chamou o escritor Luís Camargo, que está à disposição em LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 51. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Hora da Leitura de romance

Dom Quixote, de Cervantes

Vamos saborear, nessa *Hora da Leitura*, um dos livros mais famosos do mundo: *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes Saavedra. O cavaleiro andante mais adorado dos últimos quatrocentos anos tem qualidades de sobra para conquistar seus alunos!

Preparando a Hora

Você já leu o *Dom Quixote*? Não tenha vergonha, se a resposta for negativa. A maioria das pessoas nunca leu o livro de Cervantes, embora seja difícil encontrar alguém que não conheça, ainda que de ouvir falar, a personagem principal. Dom Quixote é dessas personagens que se tornam tão, mas tão conhecidas a ponto de se transformarem em algo parecido com mitos e lendas. O mesmo acontece com *Hamlet*, de Shakespeare, com *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, ou com o detetive Sherlock Holmes, personagem de Conan Doyle. No Brasil, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, ou Gabriela e outras personagens de Jorge Amado desfrutam de fama semelhante. O que é muito bonito e nos mostra a força da literatura: personagens de papel e tinta parecem mais reais, e são mais conhecidos, do que muita gente de carne e osso.

Digamos que você já tenha lido o *Dom Quixote*. É hora, então, de reler esse clássico, na versão muito bem traduzida e adaptada de Orígenes Lessa. Caso você ainda não tenha lido a obra, eis uma ótima oportunidade para conhecê-la! Não tenha medo da pilha de estudos que, há séculos, se forma sobre o livro e revigora sua posição de cânone da literatura ocidental. Você até pode entrar em contato com esses estudos depois de sua leitura. Mas antes, faça a *sua* leitura. Verá que Dom Quixote é um senhor adorável.

Mas qual a razão da fama de Dom Quixote? Monteiro Lobato, na voz de sua personagem Dona Benta, apresenta algumas pistas para responder a essa questão:

Cervantes escreveu este livro para fazer troça da cavalaria andante, querendo demonstrar que tais cavaleiros não passavam duns loucos. Mas como Cervantes era homem de gênio, sua obra saiu um maravilhoso estudo da natureza humana, ficando por isso imortal. (...)

*D. Quixote não é somente o tipo do maníaco, do louco. É o tipo do sonhador, do homem que vê as coisas erradas, ou que não existem. É também o tipo do homem generoso, leal, honesto, que quer o bem da humanidade, que vinga os fracos e inocentes – e acaba sempre levando na cabeça (...).*²⁹

29. LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 899. vol. 5. (Obras Completas)

É por isso que o adjetivo “quixotesco” passou a designar alguém que seja “generosamente impulsivo, sonhador, romântico, nobre, mas um pouco desligado da realidade”³⁰. Não só a personagem tornou-se mundialmente conhecida, como deu origem a um adjetivo. Tal é a força da literatura.

Para apresentar Dom Quixote a seus alunos, você pode fazer como Dona Benta, no livro *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato. Em lugar de ler a tradução do livro original, Dona Benta narra a história com suas próprias palavras, adaptando-a aos conhecimentos de seus netos. E justifica sua opção dizendo que, como as crianças “ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas³¹”. Quando se tornarem adultas, diz ela, as crianças poderão ler a obra em tradução direta do original – ou talvez no próprio original – e terão condições de apreciar toda a beleza dos recursos formais usados por Cervantes.

Podemos fazer como Dona Benta, e narrar a história de Dom Quixote por meio da bela adaptação de Orígenes Lessa, que simplifica e sintetiza o livro. Vale a pena acrescentar, à versão de Lessa, comentários feitos por você, a fim de explicar palavras que os alunos não entendam. É o caso, por exemplo, de “magro rocim” e “galgo corredor”, citadas logo no primeiro parágrafo do livro. Rocim é um cavalo fraco, pequeno, e galgo é um cachorro magro, de caça. Explique para a turma o que era a cavalaria andante, o que foi a febre dos livros de cavalaria, que terminaram por enlouquecer Dom Quixote, como era a vida na Espanha da época em que se passa a história. Não precisa ser uma aula sofisticada sobre esses assuntos; bastam algumas explicações para que os alunos possam apreciar melhor a história. Você as obterá com Monteiro Lobato, em *Dom Quixote das crianças*, ou em outros livros sobre o nobre fidalgo.

Prepare uma *Hora da Leitura* do primeiro capítulo de *Dom Quixote*, traduzido por Orígenes Lessa, e das duas primeiras páginas de *Dom Quixote em quadrinhos*, de Caco Galhardo, que tratam justamente dos primeiros capítulos. Procure as palavras desconhecidas no dicionário, para poder defini-las a seus alunos durante a *Hora da Leitura*. Se eles precisarem parar a leitura para ir várias vezes ao dicionário, muito do prazer do livro será prejudicado. O uso do dicionário depende de um aprendizado longo, de conversas específicas sobre a organização dos verbetes, as siglas apresentadas, entre outros aspectos que podem ser tratados com mais calma durante as aulas, e não somente as de Português. Esse aprendizado os ajudará muito quando estiverem sozinhos e precisarem consultar o dicionário. Mas, na *Hora da Leitura* será mais gostoso ouvir de você o sentido das palavras.

Observe como Caco Galhardo retratou Dom Quixote, e como transformou em quadrinhos algumas cenas do capítulo. Veja que trechos do livro ele privilegiou, e que trechos deixou de fora. Na *Hora da Leitura*, você pode ler primeiro a adaptação de Lessa, e depois mostrar os quadrinhos de Galhardo.

Se houver possibilidade, leia uma tradução de Dom Quixote feita diretamente do original, dirigida a adultos. Assim, você poderá apreciar um texto mais próximo daquele criado por Cervantes³².

30. *Dicionário Houaiss Virtual*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>> Acesso em: 25 ago. 2006.

31. LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. op. cit, p. 898.

32. As seguintes traduções são excelentes: CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2002. Edição bilíngüe. CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Tradução de Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

Aquecendo para a Leitura

Antes de ler para seus alunos, pergunte a eles se já ouviram falar em Dom Quixote. Provavelmente, sim! A personagem deve ter chegado a eles por meio de desenhos animados, comentários na televisão, filmes, músicas, referências em outros livros. Registre o que a turma sabe sobre o velho fidalgo. Como os alunos imaginam a personagem? Se houver alunos que não saibam quem é Dom Quixote, explique a eles, com palavras breves, e conte que vocês vão ler o primeiro capítulo de sua história, que é bastante famosa.

Em seguida, mostre para a classe a capa do livro *Dom Quixote*. Peça para os alunos observarem a figura que enfeita a capa e apontarem os elementos que acham mais interessantes. O que ele segura nas mãos? Em uma há um livro, e na outra, uma espada. Esses objetos dizem muito sobre a personagem, não? Em volta dele, o que há? Talvez os alunos não consigam, da primeira vez, traduzir em palavras o que vêem. Há um mouro de turbante e adaga na mão, investindo contra Dom Quixote; há cavaleiros, e o que parece ser uma princesa – ou seria a amada Dulcinéia? Há plumas, peças de armadura, um dragão... tudo isso leu Dom Quixote nos livros de cavalaria, e tudo isso aparece em sua história.

Reclamações do gênero “Mas que livro grosso! Fala sério, professor(a)!” são naturais, especialmente se os alunos ainda não leram romances. Tranqüilize a turma dizendo que vocês lerão apenas um capítulo. Continuarão a leitura aos poucos, se desejarem.

Saboreando o Texto

Leia para a turma o primeiro capítulo, de maneira expressiva. Você pode explicar algumas palavras logo depois de dizê-las, interrompendo brevemente a leitura. Ou pode explicá-las ao final. O importante é caprichar no modo como Dom Quixote é apresentado à turma.

Entrelaçando Leituras Coletivas

No capítulo “Um homem sonha”, o fidalgo conhecido como Quixada, Quesada ou Quixano, apaixonado por livros de cavalaria, decide tornar-se Dom Quixote, um cavaleiro andante. Rebatiza seu velho rocim, dá o sonoro nome de Dulcinéia para a camponesa Aldonça e resolve sair pelo mundo, em busca de aventuras. Seus heróis são Amadis, Galor, Cid, famosos cavaleiros, protagonistas dos livros que leu.

O que a turma achou da “loucura” de Dom Quixote? Será que algum deles, depois de assistir a um desenho animado, a um filme, ou após ler um história empolgante, não desejou tornar-se um herói? Quem já brincou fazendo de conta que era determinado herói, como Batman ou Super-Homem, e improvisou peças de um uniforme como Dom Quixote improvisou sua viseira? Provavelmente, seus alunos já desejaram ter superpoderes, virar heróis, vencer monstros e males terríveis. Essas lembranças podem levá-los a identificar-se com a personagem de Cervantes.

Procure estimulá-los a continuar a leitura. O que acontecerá a Dom Quixote? Ele conseguirá viver as aventuras que sonha? Armado de modo tão precário, conseguirá sobreviver a combates? Seu cavalo magro agüentará longas viagens? O que vai acontecer a seguir?

Falando em aventuras, o autor do Dom Quixote teve vida bastante aventureira. A síntese de sua vida está na orelha do livro. Conte para a classe as proezas de Cervantes, um escritor que foi soldado – ou um soldado que foi escritor.

Desdobramentos para Outros Momentos

A turma achou empolgante a história de Dom Quixote? Vocês podem continuar a leitura coletiva do livro, comentando os acontecimentos ao final de cada capítulo. Se poucos alunos gostaram da história, porém, o melhor é não obrigá-los a ouvir o livro todo. Incentive aqueles que gostariam de continuar lendo os livros ou os quadrinhos a usar as *Horas de Leitura* para terminar a história. Eles também podem levar os livros para casa e, depois, passá-los a outros colegas. Por vezes, a vontade de ler um livro surge pela “propaganda” que dele faz um amigo, e não pela leitura feita em sala.

Acompanhe as leituras da turma, conversando sobre os pontos considerados mais empolgantes ou mais chatos, explicando palavras ou situações mais difíceis, compartilhando suas impressões de leitura. Há, no romance, várias passagens muito engraçadas, e outras muito tocantes. Certamente vocês contribuirão, com suas leituras, para o grande fã-clube mundial de Dom Quixote.

O livro de Cervantes é considerado precursor do romance moderno, em parte justamente pela introdução do humor e da ironia na narrativa. Leiam outros romances, mais contemporâneos, que integram o acervo. Um deles é o poético *Indez*, de Bartolomeu Campos de Queirós, que narra a vida de Antonio, um menino do interior de Minas Gerais, e sua descoberta do mundo.

Nos acervos do PNBE, há vários romances sensacionais, brasileiros e traduzidos. *O máscara de ferro*³³, de Alexandre Dumas, vem conquistando milhares de leitores do século XIX, quando foi escrito, até hoje. Já foi adaptado para quadrinhos, cinema e televisão. *A ilha do tesouro*³⁴, de Robert Louis Stevenson, é uma empolgante história envolvendo piratas. *A moreninha*³⁵, de Joaquim Manoel de Macedo, e *A casa da madrinha*³⁶, de Lygia Bojunga Nunes, são romances brasileiros que costumam conquistar os jovens.

33. Livro integrante do PNBE/2002.

34. Livro integrante do PNLD São Paulo/2005.

35. Livro integrante do PNLD São Paulo/2005.

36. Livro integrante do PNBE/2002.

Hora da Leitura de teatro

Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente

O teatro costuma ser um grande aliado na hora de ensinar o gosto pela leitura. Essa atividade do *Hora da Leitura* parte de uma peça bastante popular de Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*, para estimular seus alunos a lerem com prazer.

Preparando a Hora

O teatro tem uma grande diferença em relação ao poema, ao conto, ao romance. Teatro é literatura para ser falada, mostrada, apresentada ao público. O modo como uma peça teatral é encenada é tão importante quanto o modo como ela foi escrita. Mas como encenar uma peça, se a Hora é de Leitura? O que podemos fazer é uma encenação que *privilegie a leitura expressiva*. A peça será representada por alunos, como se eles estivessem em um estúdio de rádio, fazendo teatro para milhares de ouvintes!

Para isso, não será preciso uma emissora de rádio de verdade. Na Hora de apresentação da peça, uma parte da classe ficará sentada de costas para o lugar onde ocorrerá a leitura. Não poderão nem mesmo ver os colegas que representarão a peça entrarem. Só ouvirão suas falas, e eventuais “efeitos especiais” que a turma queira fazer, como barulho de passos, de portas abrindo e fechando, de cavalos galopando. Os “efeitos especiais” podem ser feitos com a ajuda de professores de artes.

Sem poder ver os colegas, eles dependerão de uma boa leitura para entender e apreciar a peça! A imaginação de cada um dará conta de inventar cenários, roupas, iluminação.

Mas, antes de anunciar a atividade aos alunos, leia sozinho(a) a *Farsa de Inês Pereira*. Como afirma Sábato Magaldi na apresentação, ela foi composta por Gil Vicente, considerado o “verdadeiro fundador do teatro português”. O motivo que levou o autor português a escrever a peça é dos mais curiosos. Acusado de plagiar outros dramaturgos, Vicente recebeu um desafio: escrever uma peça que desenvolvesse o refrão popular “Mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube”. Ele não só escreveu a peça, provando sua inocência, como terminou por criar uma de suas obras-primas.

A peça, encenada pela primeira vez em 1523, perante o rei D. João III, é bilíngüe, ou seja, foi escrita em português e espanhol – o que era comum na época, como explica Sábato Magaldi. Na adaptação de Cecília R. Lopes, os trechos em castelhano foram traduzidos para o português. Seus alunos podem ler a tradução ao representar a peça, em lugar de fazer a leitura em espanhol. As palavras estranhas aos falantes contemporâneos de português são definidas ao fim de cada página, o que facilita a leitura.

Você e seus alunos podem utilizar várias Horas da Leitura para ler juntos a peça – em grupos, ou coletivamente. Assim, irão aprendendo o significado das palavras mais difíceis, conversando sobre os acontecimentos da história – alguns engraçados até hoje – e planejando como a representação “radiofônica” poderá ser. Quando sentir que a classe já conhece bem a peça, proponha à turma que sejam escolhidos nove alunos para representar as nove personagens. Outro aluno pode ser o responsável pelos efeitos especiais. Se for o caso, escolham também um diretor para a peça.

Pode ser que muita gente queira participar da representação. Que tal, então, sugerir que uma parte da classe encene a *Farsa de Inês Pereira*, e outra parte encene *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna? Há mais peças de teatro no acervo do PNLD; vocês podem encenar várias delas.

Aquecendo para a Hora

Conte aos alunos quem foi Gil Vicente e por que ele escreveu a *Farsa*. Certamente os alunos gostarão da história. Será que entre eles não há alguém que já escreveu texto muito bom, e ouviu colegas ou professores dizerem que o texto foi copiado de autor famoso, ou feito por outra pessoa? Pois é, acusações de plágio não são raras no ambiente escolar.

Após o aquecimento, virem as cadeiras para uma das paredes. O ideal é que os alunos espectadores fiquem de costas para a porta de entrada da sala. Assim, os colegas poderão entrar, acomodar-se e começar a peça de maneira surpreendente; quem sabe tocando uma música, por exemplo?

Saboreando o Texto

Durante a apresentação, os ouvintes devem prestar a máxima atenção, para perceber quem faz qual personagem, o que está sendo dito, que barulhos são feitos para dar verossimilhança à história.

Já os atores devem falar alto, claro e de modo pausado, a fim de que todos os ouçam e entendam. Para tanto, precisarão ensaiar alguns vezes. Você pode ajudá-los a encontrar o ponto certo da altura das vozes, da leitura do texto, da inserção de ruídos.

Se for preciso, encenem uma parte da peça em uma *Hora da Leitura*, e terminem na próxima.

Desdobramentos para Outros Momentos

O grande enfoque da encenação da peça, nessa atividade, foi a *leitura* dos alunos atores. Se a experiência for boa, vocês podem encenar outras peças dessa maneira. É recomendável, também, que haja um momento para a representação plena da *Farsa*: com cenários, figurinos e tudo o mais que uma boa encenação exige e que a escola puder ajudar os alunos a arranjar. Essa, sim, será uma peça para ouvir e *ver!* E para sentir emoção, dar risada, participar com muitas palmas...

Leiam e representem outras peças dos acervos do PNBE. *O rapto das cebolinhas*³⁷, de Maria Clara Machado, *O doente imaginário*³⁸, de Moliere, e *A gaivota*³⁹, de Tchecov, são apenas algumas das peças que poderão ganhar vida pela voz e pelos gestos de seus alunos.

37. Livro integrante do PNBE/2002.

38. Livro integrante do PNLD São Paulo/2005.

39. Livro integrante do PNLD São Paulo/2005.

Bibliografia

Livros sobre Leitura:

- ABREU, Márcia. *Leituras no Brasil*. Edição comemorativa ao 10º COLE. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 2001.
- CARDOSO, Beatriz e NOGUEIRA, Madza Julita. *Ler e escrever, um grande prazer!* São Paulo: Secretaria de Estado da Educação/ Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), 1993.
- EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Coleção Descobrimos o Brasil.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 40. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LAJOLO, Marisa (org.). *Histórias e histórias*. Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/ 99. Literatura Infanto-Juvenil. Brasília: MEC; SEF, 2001.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PERROTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, s/d.
- RESENDE, Vânia. *Literatura infantil e juvenil: vivências de leituras e expressão criadora*. São Paulo: Saraiva, s/d.

Livros sobre Literatura:

- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MESQUITA, Samira Nahid. *O enredo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- PALLOTINI, Renata. *Introdução à dramaturgia*. São Paulo: Ática, 1988.
- PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PINHEIRO, Hélder (org.). *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- REIS, Luzia de Maria R. *O que é conto*. 4. ed. São Palo: Brasiliense, 1992.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Sites sobre Leitura e Literatura:

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa. Disponível em:
<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index.php>> Acesso em: 26 ago. 2006.

Minienciclopédia de Poesia e Crônica do Instituto Itaú Cultural. Panorama Itaú Cultural de Poesia e Crônica. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 26 ago. 2006.

Portal do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>> Acesso em: 26 ago. 2006.

Revista Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br>> Acesso em: 26 ago. 2006.

Site Alô Escola. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola> > Acesso em: 26 ago. 2006.

Site Caracol no Ouvindo. Disponível em: <<http://caracol.imaginario.com/index.html>>
Acesso em: 26 ago. 2006.

Site Projeto Memória de Leitura. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/>>
Acesso em: 26 ago. 2006.

Site Releituras. Disponível em: <<http://www.releituras.com.br>> Acesso em: 26 ago. 2006.